

A política *em ato* nas cartas de Italo Calvino

Politics *in action* in Italo Calvino's letters

La política *en acción* en las cartas de Italo Calvino

Tânia Mara Moysés
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

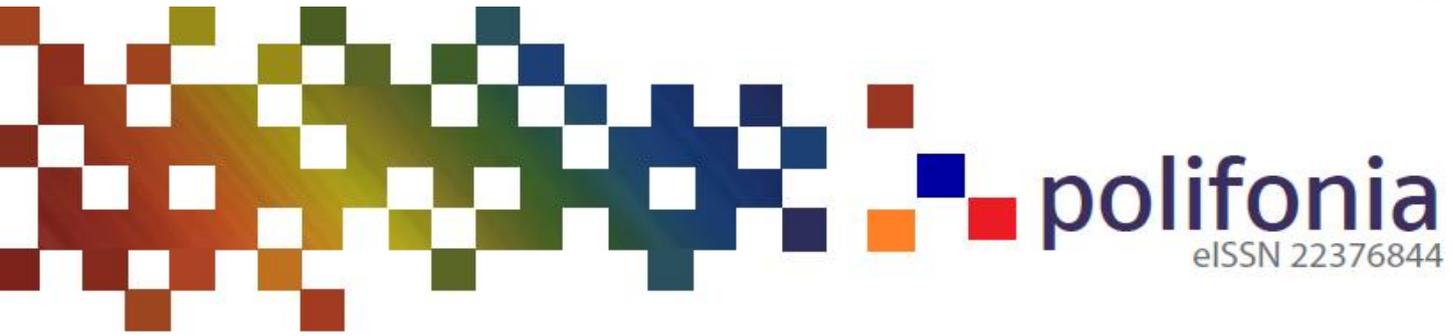
O epistolário do escritor italiano Italo Calvino (1923-1985) constituído por *Lettere 1940-1985* (2001) e *I libri degli altri: Lettere 1947-1981* (1991) retrata a polifonia temática de seus saberes e é a sede de suas reflexões autocríticas sobre as suas experiências pessoais e intelectuais, depois transfiguradas em seus ensaios, contos e romances, bem como de suas críticas sobre as obras *dos outros*. Neste artigo seleciono algumas das 1303 cartas que compõem os dois livros com o objetivo de destacar aspectos expressivos de sua visão política, que ele testemunha *em ato*, em primeira mão, na cadência ritmada da cronologia dos acontecimentos, da juventude à maturidade. Meu objetivo se concretiza nas cartas selecionadas, que aqui analiso como documentos testemunhais, através de suas micronarrativas e micro-histórias que, no conjunto, constituem um hipertexto, com ênfase para o contexto anterior e posterior à sua participação na Resistência contra o nazifascismo durante a Segunda Guerra Mundial, bem como para o registro das suas motivações para a filiação no e a demissão do Partido Comunista Italiano (PCI), segundo o caráter moral (não moralista) e laico com o qual rege o seu discurso epistolar e que se reflete na sua visão política que é também ecológica e transparece em sua obra ensaística e ficcional.

Palavras-chave: Calvino; carta; política.

Abstract

The epistolary of the Italian writer Italo Calvino (1923-1985) consisting of *Lettere 1940-1985* (2001) and *I libri degli altri: Lettere 1947-1981* (1991) portrays the thematic polyphony of his knowledge and is the focus of his self-critical reflections on his personal and intellectual experiences, later transfigured in his essays, short stories and novels, as well as his criticisms on the works *of others*. In this article I select some of the 1303 letters that make up the two books in order to highlight expressive aspects of his political vision, which he witnesses *in action*, first hand, in the rhythmic cadence of the chronology of events, from youth to maturity. My objective is achieved in the selected letters, which I analyze as testimonial documents, through their micronarratives and micro-histories that together constitute a hypertext, with emphasis on the context before and after his participation in the Resistance against Nazi-fascism during Second World War. It is also the statement of his motivations for the affiliation to and dismissal of the Italian Communist Party (PCI), according to the moral (non-moralistic) and secular character with which he rules his epistolary discourse, which is echoed in his political vision that is also ecological and is reflected in his essayistic and fictional work.

Keywords: Calvino; letter; politics.



Resumen

El epistolario del escritor italiano Italo Calvino (1923-1985) compuesto por *Lettere 1940-1985* (2001) e *I libri degli altri: Lettere 1947-1981* (1991) retrata la pluralidad temática de su saber y es la idea central de sus reflexiones autocríticas sobre sus vivencias personales e intelectuales, transfiguradas posteriormente en sus ensayos, cuentos y novelas, así como sus críticas a las obras *de otros autores*. En este artículo selecciono algunas de las 1303 cartas que componen los dos libros con el fin de resaltar aspectos expresivos de su visión política, que presencia *en acción*, de primera mano, en la sucesión de los hechos, desde la juventud hasta la madurez. Mi objetivo se concreta en las cartas seleccionadas, que analizo aquí como documentos testimoniales, a través de sus micronarrativas y microhistorias que en conjunto constituyen un hipertexto, con énfasis en el contexto antes y después de su participación en la Resistencia contra el Nazifascismo durante la Segunda Guerra Mundial, así como con énfasis en el registro de sus motivaciones para la afiliación y la destitución del Partido Comunista Italiano (PCI), según el carácter moral (no moralista) y laico con el que rige su discurso epistolar y que se refleja en su visión política que también es ecológica y aparece en su obra ensayística y de ficción.

Palabras clave: Calvino; carta; política.

*Se uma obra é válida, ela se presta a considerações sobre a atualidade não apenas do tempo em que veio à luz, mas também depois, quando é a própria realidade que encontra, nas imagens do poeta, novos significados.*¹

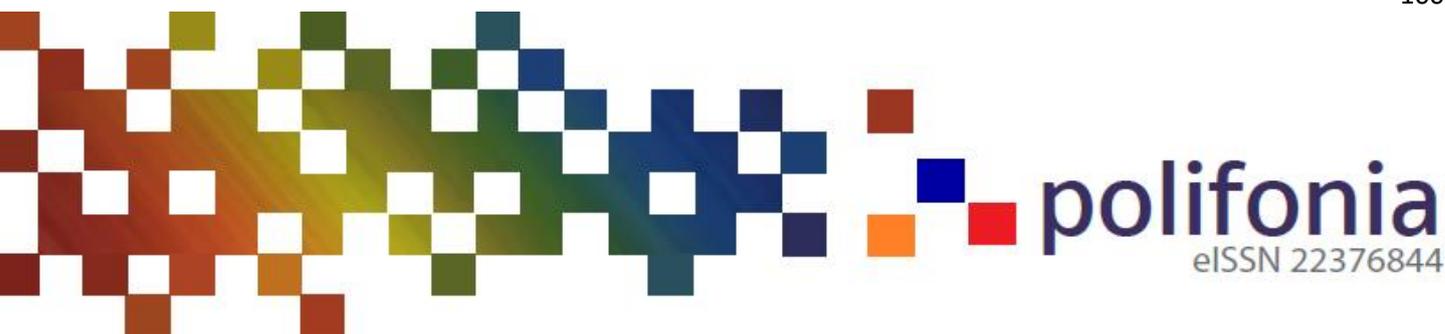
Italo Calvino

Em ato. É deste modo que Calvino se apresenta em seu epistolário constituído por *Lettere 1940-1985* (2001) e *I libri degli altri: Lettere 1947-1981* (1991).² As cartas de Calvino registram, em primeira mão, os pontos de partida e os motivos que ensejam suas ações e reflexões, inclusive as *políticas*, que se transfiguram na sua obra literária, em seus contos, romances, artigos e ensaios. Elas revelam a autocrítica sobre a sua vida e o seu trabalho e também a crítica sobre as obras *dos outros*, tudo na cadência ritmada da cronologia da vida.

Na introdução de *Lettere*, Claudio Milanini confirma a própria impressão de Calvino sobre a validade de uma obra, em epígrafe neste artigo, quando escreve:

¹ No original: “Se un’opera è valida, si presta a considerazioni d’attualità non solo del tempo in cui è nata, ma anche dopo, quando è la realtà stessa che trova nelle immagini del poeta nuovi significati”. Carta de 8 de janeiro de 1958, destinada a Armando Bozzoli, que trabalhava na *Biblioteca Comunale* de San Felice sul Panaro (Modena), sobre a discussão de *Il barone rampante* (1957). (CALVINO, 2001, p. 536-538).

² O epistolário se constitui de duas coletâneas de *lettere d’autore* (isto é, cartas escritas por “um artista noto e de reconhecido valor”) e destinadas efetivamente a interlocutores existentes: respectivamente com 995 e 308 cartas, ainda não foram publicadas em português. Somam 1303 cartas que ocupam 2178 páginas. (MOYSÉS, 2010).



Este epistolário variegado, estratificado, sob muitos aspectos labiríntico, fornece um complexo de informações que poderão ser utilizadas pelos estudiosos para reconstruir, com grande precisão, muitas fases importantes da história cultural e civil do século XX. Mas o interesse principal reside, sem dúvida, no fato de que é um testemunho de um extraordinário itinerário individual: ele nos permite seguir, passo a passo – de um ponto de vista diferente, mas complementar em relação ao das obras de ficção ou propriamente ensaísticas –, o caminho intelectual e psicológico de um escritor que nunca deixou de interrogar-se sobre a sua própria identidade e sobre a sua própria relação com o mundo, e que continuou a estudar por toda a vida. (MILANINI *apud* CALVINO, 2001, p. XII, tradução nossa).³

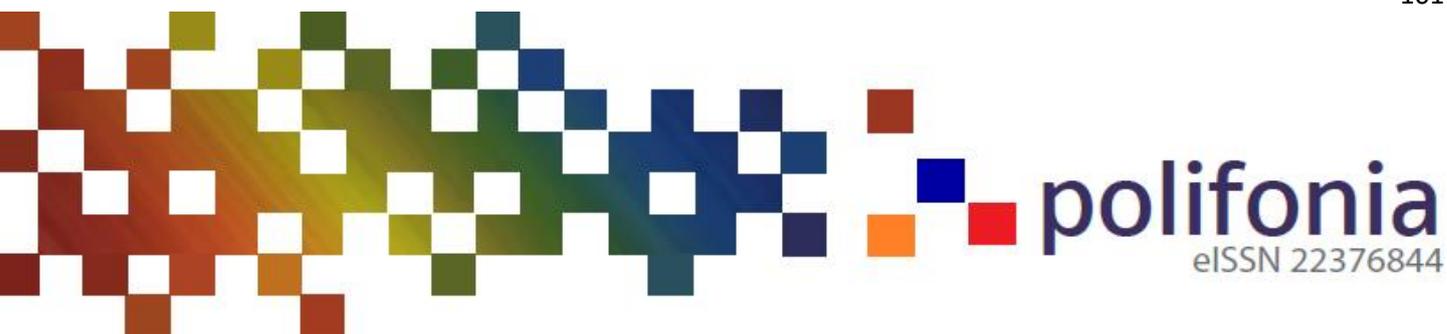
Essa característica de *Lettere* se reflete também nas cartas reunidas em *I libri degli altri*, cuja nota introdutória, assinada por Carlo Fruttero, revela o perfil do “incansável e irônico Calvino *editor*, como hoje, para seu desgosto, o chamariam [...]. Tinha visto muito cedo (alguém não é inteligente por acaso) que só por trás da tela semitransparente da ironia era então possível agir, viver” (FRUTTERO *apud* CALVINO 1991, p. V-VII, tradução nossa)⁴.

As cartas se caracterizam como micronarrativas (Calvino é autor e narrador) e micro-histórias (ponto em que a história colabora com a literatura e “elas se interligam ao conjunto e se revelam naturalmente expansíveis, da carta para o ensaio, por exemplo) pela possibilidade que oferecem de *exploração intertextual*, ação subsequente à leitura e prerrogativa do leitor como pesquisador ou curioso” (MOYSÉS, 2010, p. 134):

O princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados. [...] Os fenômenos previamente considerados como bastante descritos e compreendidos assumem significados completamente novos quando se altera a escala de observação (LEVI, 1992, p. 139; 141).

³ No original: “Questo epistolario variegato, stratificato, per molti versi labirintico, fornisce una somma di notizie che potranno essere utilizzate dagli studiosi per ricostruire con maggior precisione molte fasi importanti della storia culturale e civile del Novecento. Ma l’interesse primario risiede senza dubbio nel fatto che esso dà testimonianza di uno straordinario itinerario individuale: ci permette di seguire passo dopo passo – da un punto di vista differente ma complementare rispetto a quello delle opere di *fiction* o propriamente saggistiche – il cammino intellettuale e psicologico di uno scrittore che non ha mai cessato di interrogarsi sulla propria identità e sul proprio rapporto col mondo, e che ha continuato a studiare per tutta la vita.”

⁴ No original: “Calvino *editor*, come oggi con suo disgusto lo chiamerebbero [...]. Aveva visto prestissimo (uno non è intelligente per niente) che solo dietro lo schermo semitransparente dell’ironia era ormai possibile operare, vivere.”



Segundo a observação acima, é possível utilizar os resultados do exame de micro-histórias “para extrair uma generalização mais ampla, embora as observações iniciais tenham sido feitas dentro de dimensões relativamente estreitas e mais como experimentos do que como exemplos” (LEVI, 1992, p. 141). “Portanto, essa visão pode ser aplicada a cada carta selecionada, necessariamente sem perder de foco a História em sua amplitude de visões discursivas, porque polifônicas, nas quais a matéria verbal é feita de linguagem como diálogo de natureza social.” (MOYSÉS, 2010, p. 33).

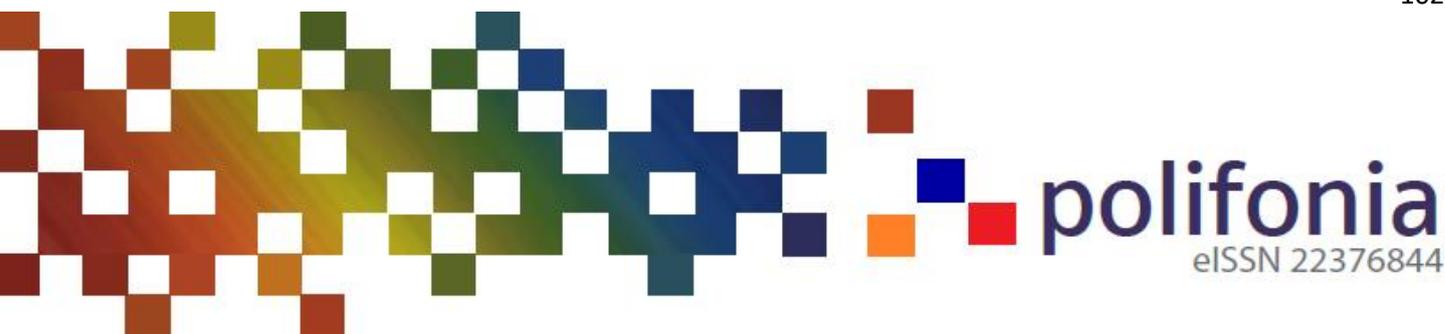
Meu objetivo neste artigo é fazer uma das tantas possíveis leituras sobre a política *em ato* nas cartas de Calvino, pois, como bem lembra Bakhtin em *Estética da Criação verbal/ Sobre a Metodologia das Ciências Humanas*,

Não se pode mudar o aspecto efetivamente *material* do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre). O papel da memória nessa eterna transfiguração do passado. [...] lembranças *a serem preenchidas* e as possibilidades *antecipadas* (a interpretação em contextos distantes). Nas lembranças levamos em conta até os acontecimentos posteriores (no âmbito do passado), ou seja, percebemos e interpretamos o lembrado no contexto de um passado inacabado. (BAKHTIN, 2003, p. 396; 399, grifos do autor).

Assim diante do meu movimento de observação e tentativa de interpretação da visão política de Calvino em contextos já distantes, observo que é justo e útil para os estudos literários incluir também o epistolário no rol de seus hipertextos:

Diante de um objeto inconcluso, que apresenta múltiplas ramificações, que pode ser alcançado pelos mais diversos caminhos e se altera a cada conexão com novos elementos, qualquer conclusão é inviabilizada e tornam-se possíveis apenas determinados trajetos de leitura, olhares perscrutadores que sabem não ser únicos. Como o narrador de *O Castelo*, “[...] suas mãos embaralham as cartas, recolhem-nas no maço e recomeçamos tudo de princípio (CALVINO, 1991, p. 69).” (MOREIRA, 2007, p. 88).

Diante das “múltiplas ramificações” do epistolário de Calvino, minha abordagem da política *em ato* nas suas cartas será obviamente realizada sem adentrar-me em teorizações das Ciências Políticas, próprias de especialistas, porque permanecerei no âmbito da literatura e no



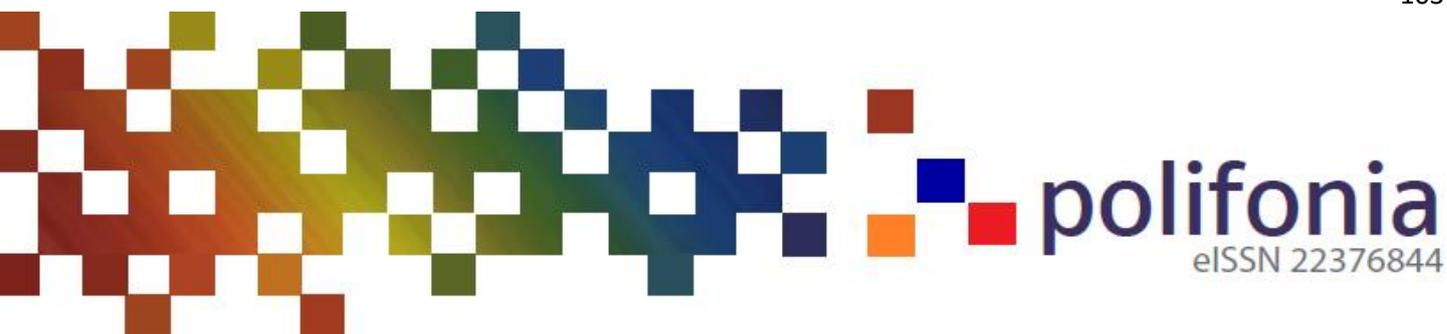
exercício da minha própria cidadania, no que tange à palavra *política*. Como bem esclarece Bakhtin (2003, p. 400), o discurso das “Ciências humanas – ciências do espírito – ciências filológicas [...] é parte e ao mesmo tempo comum a todas elas.”

Tal discurso inclui muitos “aspectos expressivos” sensíveis à política e presentes no discurso epistolar calviniano, os quais simbolizam as necessidades de quaisquer cidadãos que, como eleitores, através dos seus votos, referendam suas expectativas em relação às tão esperadas ações anunciadas nos discursos dos políticos, diante de temas como: direitos humanos, trabalho, educação, saúde, economia, formação para o trabalho, meio ambiente, moral, cultura, gênero, entre outros.

E, embaralhando literalmente as 1303 cartas de Calvino, no movimento de escolha e exclusão, escolhi algumas cartas que sinalizam “trajetos de leitura” (MOREIRA, 2007, p. 88) que retratam o ser humano que é o cerne do intelectual que recebeu uma educação antifascista e filossoviética dos pais, o agrônomo Mario Calvino (1875-1951) e a botânica Eva Mameli (1886-1978), sempre numa visão secular, isto é, rigorosamente moral e científica e completamente alheia à religião.⁵ Cartas que testemunham a vida do jovem estudante sob o fascismo (lembro que pouco mais de um terço da vida de Calvino transcorreu sob o governo de Mussolini),⁶ a luta na Resistência durante a Segunda Guerra Mundial, o ingresso no e a demissão do Partido Comunista Italiano (PCI) e a questão moral decorrente que percorre a vida

⁵ Calvino estudou nas *Scuole Valdesi* (seita herética dos Valdenses, criada no século XII por Pierre Valdo, próspero comerciante de Lyon (França), após renunciar aos seus próprios bens e riquezas), mas não escapou de tornar-se *balilla* (criança dos 8 aos 14 anos pertencente a associações paramilitares) quando as inscrições se tornaram obrigatórias também nas escolas particulares. *Balilla* é o apelido atribuído ao menino Giambattista Perasso que, em 5 de dezembro de 1746, acendeu a primeira faísca da insurreição que expulsou os austríacos de Gênova, atirando uma pedra contra um grupo de soldados. Sem nenhum registro de seu nome à época, foi identificado somente um século depois. Tendo se tornado um símbolo de patriotismo, o regime fascista lhe dedicou a *Opera Nazionale Balilla* (TRECCANI, 2021). É até surpreendente que, já no *Liceo Statale Gian Domenico Cassini*, os pais de Calvino tenham sido atendidos no pedido de dispensa das aulas de religião e dos serviços de culto (CALVINO, 2001, p. XLVII).

⁶ Calvino nasceu em 15 de outubro de 1923. Praticamente um ano antes de seu nascimento, “em 27 de outubro de 1922, os fascistas começam a Marcha sobre Roma. A manifestação, que tomou as ruas da capital italiana, exigia que o rei Vittorio Emanuele III passasse o poder para as mãos do Partido Nacional Fascista. Pressionado, o rei chamou Benito Mussolini para compor o governo”. E isso só terá fim com o fim da Segunda guerra em 2 de setembro de 1945. A guerra começou em 1.º de setembro de 1939, mas a Itália entra somente em 10 de junho de 1940. (BRASIL ESCOLA, 2021).



pessoal e intelectual de Calvino desde o primeiro romance sobre a luta *partigiana*, *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947)/ *A trilha dos ninhos de aranha* (2004), até *Palomar* (1983)/ (1994).

Na primeira carta, datada de 29 de julho de 1940, destinada ao pai, o jovem Italo, aos dezessete anos e em férias, conta sobre um passeio com parentes a Garessio (na província de Cuneo, no Piemonte) em companhia do irmão Floriano (1927-1988), então com treze anos. Passeios de bicicleta, prática de esportes, hotel de luxo e cozinha farta, mas já há uma preocupação, visto que a Itália está em guerra há cinquenta dias e, em 13 de junho, Sanremo sofrera o primeiro bombardeio aéreo: “Como vão as coisas em Sanremo? Aconteceram alarmes?” (CALVINO, 2001, p. 3, tradução nossa).⁷

Um ano depois, a situação de Italo, universitário de Agronomia na Universidade de Turim, já indica as mudanças no cotidiano, com a redução dos ganhos familiares e os reflexos de ações do regime fascista sobre as liberdades individuais [a], também com a comida escassa [b] e a militarização estudantil [c], e a disposição de entrar na guerra [d], nas cartas dirigidas a Mario Calvino, respectivamente em 21 e 29 de novembro e 4 e 8 de dezembro de 1941:

[a] Eu vou todos os dias à aula. Mas estudar sem livros, como me aconselha Mamãe, é uma utopia. O ideal, pelo que pude experimentar, seria ler primeiro em casa o tema que o professor deve tratar no dia seguinte para, depois, poder seguir com proveito a aula. Caso contrário, o tempo será perdido. Comprei o livro de Matemática [...] que não se vendia nas livrarias e apenas alguns exemplares estavam em circulação e foi necessário reservá-lo através do Guf.

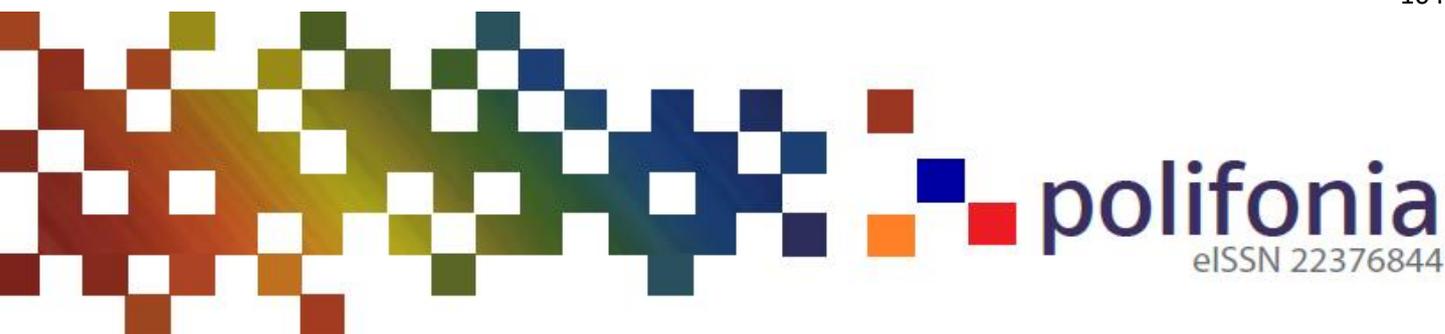
[...]

[b] A comida que nem sempre se pode dizer escassa também não se pode dizer que seja abundante. Ao anunciarem carne, você se verá diante de dois pedaços de osso nos quais é materialmente impossível encontrar algo para comer. Agora teremos que ir ao cadastro da prefeitura para fazer a emissão de um certificado [...] com o qual teremos direito a mais carne.

[...]

[c] Como vocês sabem, os universitários nascidos em 1923 são obrigados a frequentar os cursos de alunos oficiais da Milícia Universitária. Fui, portanto, forçado a me inscrever na Milícia Voluntária. [...] os alunos de Agronomia serão encaminhados para as forças de artilharia. Eles nos dão o uniforme de graça, exceto as botas (espero que as de papai me sirvam). Apresentei hoje o formulário de inscrição, mas ainda tenho que apresentar toda a lista de documentos necessários, o que devo fazer o mais rápido possível. [...] Portanto, preciso de: [...] Certificado de pertencimento à G.I.L. [...]

⁷ No original: “Come va a Sanremo? Avete avuto allarmi?”



[d] Também aquele negócio da Milícia Universitária não é muito persuasivo. Há quem ainda argumente que não é obrigatório, que não existe uma lei nesse sentido, que foi apresentada desta forma para fazer entrar enganosamente o maior número possível de pessoas. Quem viver verá. Enquanto isso, com as complicações nipo-americanas, uma coisa é certa: para a guerra eu também irei. (CALVINO, 2001, p. 6; 12; 14; 16; tradução nossa).⁸

As siglas GUF e GIL, mencionadas acima, são significativas da política prevalentemente ditatorial do regime fascista, pois, na juventude, numerosas personalidades proeminentes do mundo político e cultural da Itália republicana (incluindo evidentemente nomes ligados à história do antifascismo e da Resistência, como os irmãos Calvino) foram obrigadas a tais pertinências: GUF é a sigla para *Giovanni Universitari Fascisti*, organização criada em 1927 para promover a educação, segundo a doutrina fascista, de universitários e alunos de academias militares, além de estabelecer seções femininas e de já graduados, todos na faixa dos 18 aos 28 anos. Suas atividades desportivas e culturais se desenvolviam durante os *littoriali*⁹ (competições nacionais). Por sua vez GIL é sigla da *Gioventù Italiana del Littorio* (organização criada em 29 de outubro de 1937, a partir da fusão da *Opera Nazionale Balilla* (ONB) e dos *Fasci Giovanili di Combattimento* (FFGGC)), que reunia jovens de ambos os

⁸ No original: [a] “Vado tutti i giorni a lezione. Ma studiare senza libri come mi consiglia la Mamma, è un’utopia. L’ideale, a quanto ho potuto sperimentare, sarebbe di leggersi prima a casa l’argomento che il professore deve trattare per l’indomani per poi poter seguire con profitto la lezione. Se no si perde il tempo. Ho comprato il libro di Matematica [...] che non si vendeva nelle librerie essendone in circolazione solo poche copie e per il quale era necessario prenotarsi per il tramite del Guf.” [...]

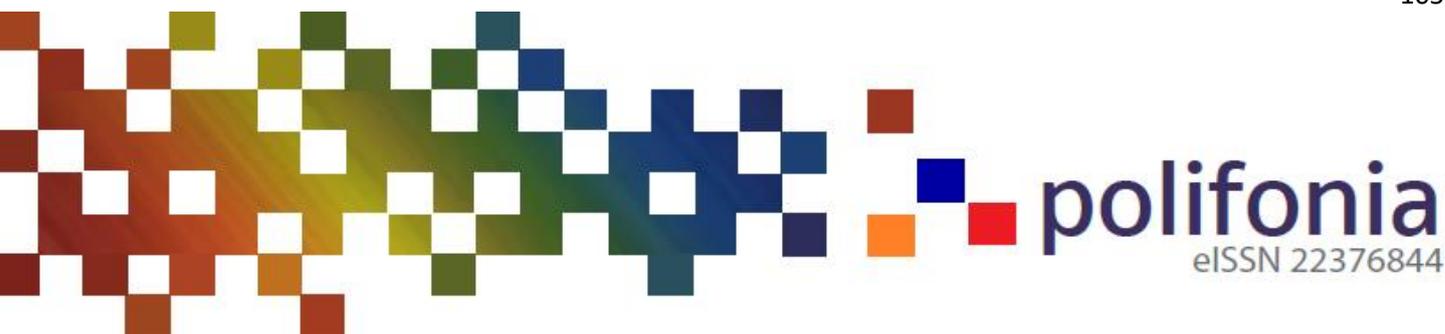
[b] “Il vitto se non si può dire sempre scarso, non si può dire nemmeno abbondante. Se ti si annuncia carne, ti vedi presentare due pezzetti d’osso nei quali è materialmente impossibile trovare qualcosa da mangiare. Ora dovremo andare all’anagrafe a farci rilasciare un certificato col quale [...] avremo diritto a più carne.” [...]

[c] Come sapete gli universitari del 1923 sono obbligati a frequentare i corsi allievi ufficiali presso la Milizia Universitaria. Sono quindi stato obbligato a iscrivermi nella Milizia Volontaria. [...] Gli studenti d’agraria saranno assegnati all’arma di artiglieria. La divisa ce la danno gratis tranne gli stivali (spero che quelli di Babbo mi vadano bene). Ho presentato oggi la domanda d’iscrizione ma devo presentare ancora tutta la sfilza di documenti che occorrono e che dovrei portare al più presto. [...] Certificato di appartenenza alla G.I.L. [...]” [...]

[d] “Anche quell’affare della Milizia Universitaria è poco persuasivo. C’è chi sostiene ancora che non è una cosa obbligatoria, che non c’è nessuna legge in quel senso che è stata presentata così per farci entrare proditoriamente più gente possibile. Chi vivrà vedrà. Intanto con le complicazioni nippo-americane una cosa è certa: la guerra la farò anch’io.”

Obs.: Em 7 de dezembro de 1941, os japoneses bombardearam a base norte americana de Pearl Harbor, no Havaí.

⁹ Obs.: de *littorio*: o lictor era o guarda que, na antiga Roma, precedia as figuras da suprema magistratura, trazendo uma machadinha junto a um feixe de varas, com o qual ia abrindo caminho em meio ao povo.



sexos, dos 6 aos 21 anos, para formação política e preparação esportiva e militar, além de desenvolver ações assistenciais e recreativas. Tais organizações eram subordinadas diretamente ao secretário do Partido Nacional Fascista (PNF). (TRECCANI, 2021).

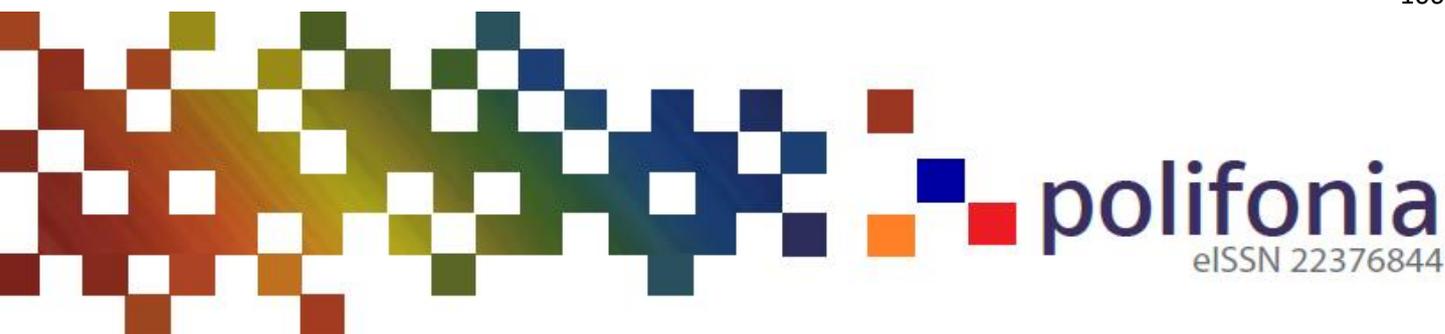
Calvino se inscreve no curso *Allievi Ufficiali della Milizia Universitaria*, a qual era uma organização paramilitar fascista, constituída em 1925, que estendia seus tentáculos ditatoriais por todo o país, desde a estruturação, em 1931, em cinco *Legiões* (Turim, Milão, Florença, Roma e Nápoles) (TRECCANI, 2010), sempre com o intuito de forjar um pensamento único, sob a égide do totalitarismo. O curso era considerado obrigatório e um meio para evitar seis meses de serviço militar, do qual o jovem Calvino tenta livrar-se, sem sucesso, sendo preso várias vezes por faltar em dias de treinamento, ou até por não usar luvas. Ele depende do recebimento de víveres e dinheiro de casa, como testemunha na carta de 8 de março de 1942, destinada ao pai:

Ontem pela manhã, no plantão da Milícia para uma cerimônia, tivemos que ficar parados por mais de uma hora sob um dilúvio, com o mosquete. [...] Quinta à noite terei que passar de novo na minha cela, porque dois sábados atrás eu não usava luvas. [...] Acabaram as provisões. Só tenho um pouco de geleia e um terço da lata de leite condensado. Hoje à noite, chegará o colega de pensão com uma primeira ração do pão que me deve. [...] Eu precisaria de algo mais substancial do que frutas, queijo ou salame, se tiverem. (CALVINO, 2001, p. 54-55, tradução nossa).¹⁰

Conforme Calvino informa ao pai, na carta de 4 de maio de 1942, o curso continuará até o dia 16, mas ele está dispensado das concentrações, porque convocado ao Comando para desenhar¹¹ para um número único da sua *Legião*. Relata que sabe de uma carta anônima

¹⁰ No original: “Ieri mattina, di servizio per la Milizia per una cerimonia siamo dovuti rimanere per oltre un’ora fermi sotto il diluvio, col moschetto. [...] Giovedì notte dovrò passarla di nuovo in cella perché due sabati fa non avevo i guanti. [...] Ho dato fondo alle provviste. Mi resta solo un pò di marmellata e un terzo della lattina di condensato. Stasera arriverà quel compagno di pensione con una prima razione del pane che mi deve. [...] Mi occorrerebbe qualcosa di più sostanzioso della frutta, formaggio o salame, se ne avete.” Cumprе esclarecer que aqui a tradução do termo *milizia* é harmônica com a etimologia (do latim *militia,ae*, serviço militar, campanha, expedição militar, operação militar, milícia). No caso da Milícia Universitária se trata da formação de tropas auxiliares em caso de guerra.

¹¹ Na carta de 12 de julho de 1954, destinada a Niccolò Gallo, Calvino lhe reforça seu apreço pela observação a respeito de *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947) quanto ao “senso do desenho”: “penso que esta seja a característica minha mais constante, que procuro sempre não perder” (CALVINO, 2001, p. 408, tradução nossa). No original: “penso sia questa la caratteristica mia più costante, quella cui cerco sempre di non mancare.”



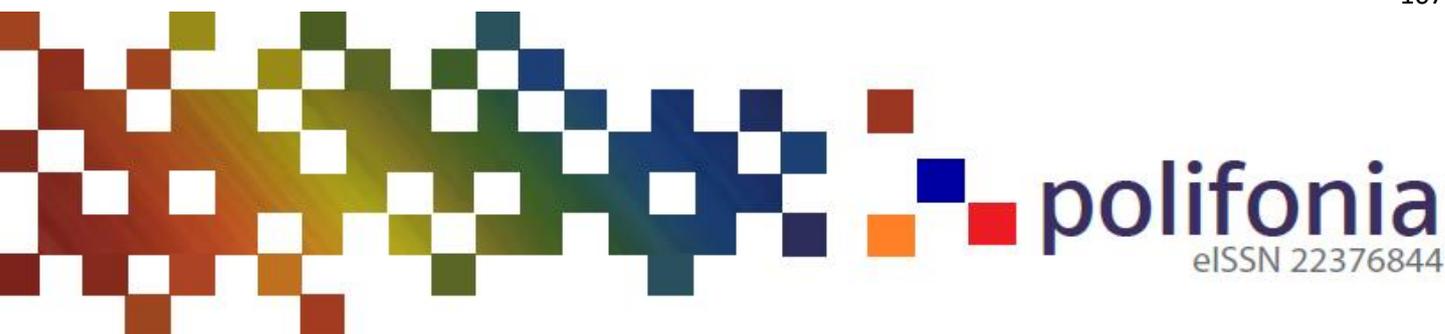
endereçada ao GUF contra ele e dois colegas, bem como conta que um deles foi preso por um mês por não usar a *camisa negra* das milícias fascistas em 23 de março, quando se celebrava o mesmo dia de 1919, quando, em Milão, na *Piazza San Sepolcro*, Mussolini fundara o primeiro *fascio* de combate (CALVINO, 2001, p. 68-69).

Na carta de 29 de novembro de 1942, destinada a Eugenio Scalfari, Calvino ressalta os dois primeiros bombardeios em Turim (centro industrial, sede da FIAT, entre outras fábricas ativas na produção de guerra) ocorridos no dia 21 daquele mês (CALVINO, 2001, p. 98). Em janeiro de 1943, Calvino se transfere para a Universidade de Florença e continua a participar da Milícia Universitária, agora no Campo Militar de Mercatale di Vernio (Toscana), de onde escreve ao pai, na carta de 29 de julho de 1943, sobre a mudança do regime no dia 25 de julho de 1943, quando Vittorio Emanuele III encarregou o Marechal Pietro Badoglio de formar um novo governo e mandou prender Mussolini:

A noite do dia 25 foi realmente emocionante. A notícia do retorno de Badoglio [...] chegou ao acampamento enquanto dormíamos e todos nós saímos das barracas a cantar *Fratelli d'Italia*. [...] parte dos estudantes, cuja educação fascista removeu qualquer aspiração à liberdade, encontram-se tristes e perdidos, despreparados como estão para os acontecimentos. Contudo, há alguns alunos exultantes da Universidade de Pisa, pertencentes a partidos liberal-socialistas e comunistas. Mas os incidentes e brigas são irrelevantes, atenuados como são pelo uniforme. Por enquanto, temos apenas uma aspiração: voltar para casa. (CALVINO, 2001, p. 140, tradução nossa).¹²

Os aliados desembarcam na Sicília e o fascismo cai com a destituição de Mussolini e a formação do governo Badoglio que celebra o armistício com os aliados em 8 de setembro de 1943, cessando toda hostilidade por parte dos italianos contra as forças anglo-americanas, o que provoca a ocupação alemã em grande parte do país, que se precipita no caos, enquanto da

¹² No original: “La notte del 25 è stata veramente entusiasmante. La notizia del ritorno di Badoglio [...] giunse al campo mentre dormivamo e tutti uscimmo dalle tende a cantare *Fratelli d'Italia*. [...] una parte degli allievi cui l'educazione fascista ha tolto ogni aspirazione alla libertà, si trova triste e smarrita, impreparata com'è agli avvenimenti. Ci sono invece, esultanti, alcuni studenti dell'università di Pisa, appartenenti a partiti liberal-socialisti e comunisti. Cionostante gli incidenti e i litigi sono irrilevanti, temperati come sono dalla divisa. Per ora non abbiamo che una aspirazione: tornare a casa.”



dissolução do exército nascem os primeiros grupos de resistência armada. (BIAGI, 2001, p. 361).¹³

Os amigos (entre os quais Eugenio Scalfari) criam “uma espécie de célula antifascista” (MONDELLO, 1990, p. 34) e ali criticam a ignorância e rudeza da retórica do fascismo, a dificuldade em encontrar obras de escritores europeus e americanos. Para passar da dissidência à ação, vem a sensação de necessidade de imersão na política e na história, embora ainda sem alguma opção. E toda ação decorrerá também do autoquestionamento sobre o papel de cada indivíduo na História:

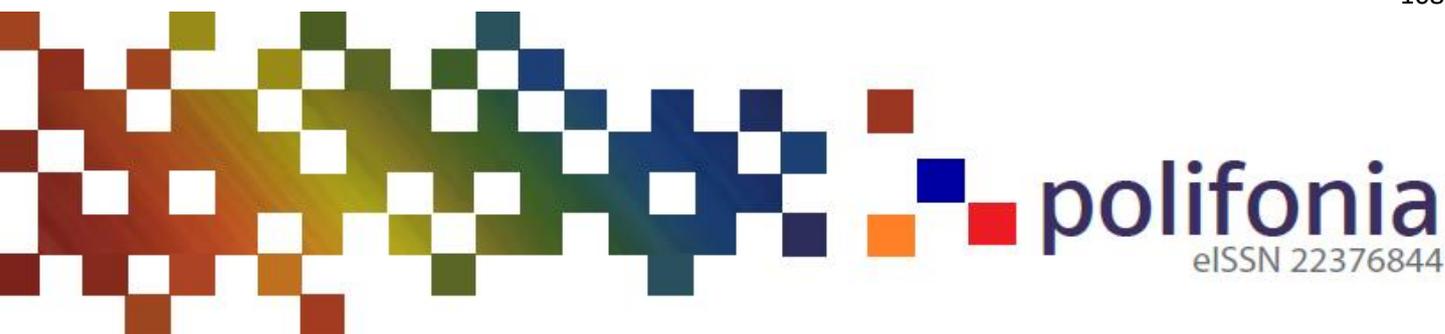
A luta *partigiana* representa o resultado de um percurso político que se inicia antes da guerra com um antifascismo que se configura essencialmente em termos de oposição cultural. O jovem burguês, filho de pensadores livres, e sempre vivendo com a família, não tem uma formação ideológica nem política. É um desconforto intelectual que leva Calvino a se reunir, [...] em sua casa de campo em San Pietro [...], com um grupo de amigos, escolhidos entre os mais próximos e fiéis.” (MONDELLO, 1990, p. 32; 34, tradução nossa).¹⁴

O elemento fundamental de tal percurso é a escolha pelo jovem Calvino de uma ativa disposição antifascista, uma escolha ainda não ideológica, porque anterior ao encontro com o historicismo marxista, que lhe permitirá depois estabelecer uma base teórica àquelas indagações ainda confusas aos vinte anos. (MONDELLO, 1990, p. 36).

Em um cartão postal de 6 de agosto de 1943, destinado a Eugenio Scalfari, Calvino afirma sua decisão de participar da Resistência: “Caro Eugenio, aqui chegou a hora de agir. Eu,

¹³ O rei Vittorio Emanuele III abandona Roma e se refugia na Itália meridional libertada pelos aliados. O país é dividido em dois: ao sul, o rei com o governo; no resto do país, ocupado pelos nazistas, o governo fascista instaura a República Social Italiana em Salò (região da Lombardia, Província de Brescia, às margens do Lago de Garda), anexada ao *Terceiro Reich* e dirigida por Mussolini de 23 de setembro de 1943 a 28 de abril de 1945. (BIAGI, 2001, p. 361).

¹⁴ No original: “La lotta partigiana rappresenta l’esito di un percorso politico che inizia prima della guerra con un antifascismo che si configura essenzialmente in termini di opposizione culturale. Il giovane borghese, figlio di liberi pensatori e sempre vissuto in famiglia, non ha una formazione ideologica né politica. È un disagio intellettuale quello che porta Calvino a riunirsi, nella sua casetta di campagna di San Pietro [...] Insieme ad un gruppo di amici, scelti fra quelli più fidati e stretti.”



por minha conta, estou pronto para entrar nisso de corpo e alma.” (CALVINO, 2001, p. 143, tradução nossa).¹⁵

Acontece então que, pela política, Calvino deixa temporariamente o curso de Agronomia em Florença para, em 1943, agregar-se à Resistência junto ao irmão Floriano. *Santiago* (uma alusão à *terra-natia*)¹⁶ é o seu codinome em meio aos *partigiani* em combate nas montanhas da Ligúria, na *Brigada Garibaldi* (de orientação comunista, pois Calvino já está inscrito no Partido Comunista Italiano (PCI)), porque se sublevoou, não aceitando o alistamento obrigatório no exército da República de Saló. Desse momento, um lacônico bilhete aos pais, manuscrito sobre uma folha quadriculada de bloco de notas, cuja data (setembro de 1944) foi provavelmente acrescentada pela mãe: “Caríssimos, eu estou bem. Flori também está bem. Não estamos longe. Esperamos voltar logo. Beijos.” (CALVINO, 2001, p. 147, tradução nossa).¹⁷

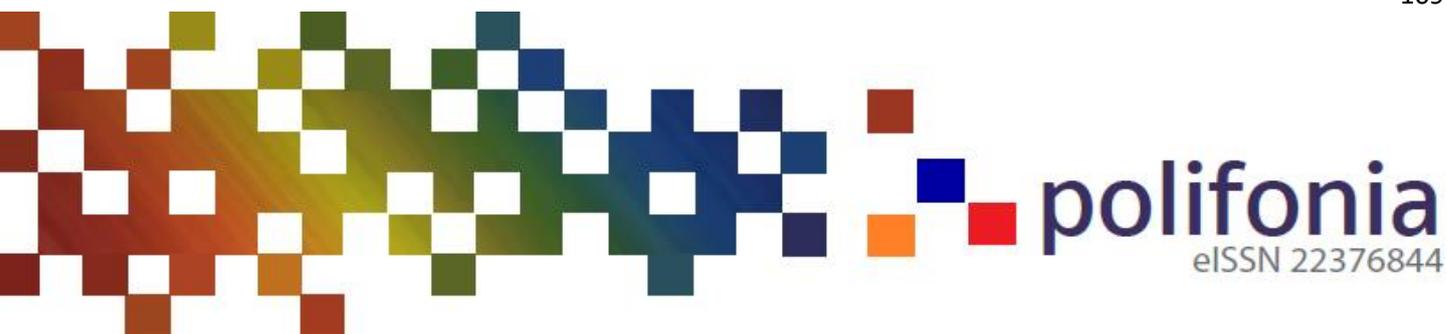
No outono de 1944, enquanto seus pais eram mantidos reféns por um longo tempo pelas SS alemãs por não fornecerem informações sobre o esconderijo dos filhos, Italo e Floriano lutam nos Alpes Marítimos contra os nazifascistas, nas montanhas do interior da Ligúria, nos bosques do Realdo, até o fim da guerra. Em 17 de março de 1945, Italo e Floriano combatem na Batalha de Baiardo, a primeira em que os *partigiani* daquela área foram apoiados pelos soldados aliados.

Anos depois, na carta de 29 de maio de 1974, a Alessandro Toppi, que havia lido, no *Corriere della sera* de 25 de abril, o conto “Ricordo di una battaglia”/ “Lembrança de uma batalha” (2000), e perguntava se se tratava da Batalha de Baiardo, da qual também havia participado, Calvino responde afirmativamente, mas diz que muitos dos acontecimentos sua memória já perdeu e pede ajuda para relembra-los:

¹⁵ No original: “Caro Eugenio, qui è venuto il momento di agire. Io per conto mio son pronto a ficcarmi corpo e anima.”

¹⁶ Na carta de 10-11 de maio de 1942, destinada a Eugenio Scalfari, Calvino assina *Santiago*, que será o seu codinome como *partigiano*, evocando o seu lugar de nascimento, Santiago de Las Vegas, em Cuba, onde seu pai dirigiu uma estação experimental de agricultura e uma escola agrária. (CALVINO, 2001, p. 73; XLV).

¹⁷ Vide fac-símile do referido bilhete em Baranelli e Ferrero (2003, p. 57).



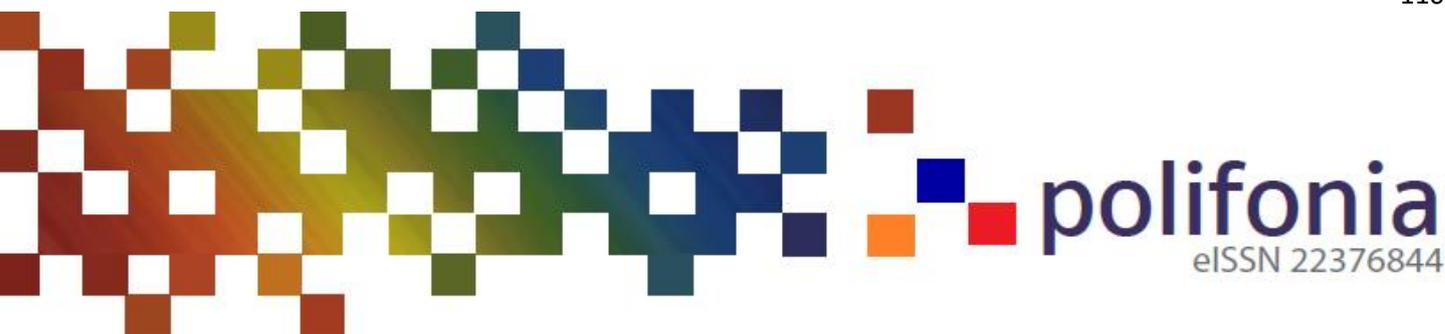
Pelo que me lembro, os aliados deveriam metralhar as bases de Baiardo em dois movimentos; depois da segunda incursão, nós, *partigiani*, devíamos partir para o ataque. Mas a segunda incursão aérea não aconteceu: os *partigiani* esperaram, falhou a ação de surpresa, foram rechaçados. [...] esta era a primeira experiência de uma ação comum entre *partigiani* e aliados da nossa área, pois os aliados, só naqueles últimos meses de guerra, decidiram nos ajudar, depois de nos terem deixado morrer por tantos meses, sem nos enviar nem mesmo um par de sapatos... (CALVINO, 2001, p. 1239-1240, tradução nossa).¹⁸

Neste momento, reflito sobre quão doloroso era o combate, pois não só os alemães, mas também os italianos fascistas, os chamados *bersaglieri repubblicini*, em boa parte estudantes, eram inimigos a combater, o que revela a gravidade de uma guerra que, no fundo, é terrivelmente civil, enquanto entre os *partigiani* havia muitos italianos maltrapilhos e esfomeados como Calvino:

[...] era uma noite sem lua e sem estrelas, lembranças do corpo desmoronado na escuridão, com a meia ração de castanhas no estômago, que não conseguem dar calor, mas apenas pesar como um punhado azedo de pedregulho que se mete avidamente no estômago e que solavanca, com o peso do caixote de munições da metralhadora batendo em meus ombros. [...] quantas formas diferentes existem em nós, roupas de todas as cores, pedaços de uniformes desemparelhados, mas também o quanto somos reconhecíveis e iguais nos rasgos onde a roupa se esgarça mais facilmente (no ombro em que se apoia a correia do fuzil, nos bolsos arrebentados pelos pentes de latão, nas calças que os galhos e as moitas logo reduzem a trapos), diferentes e iguais no equipamento, um triste enxoval de velhos fuzis 91 arrebentados e granadas de mão alemãs, enfiadas pelo cabo de madeira no cinto [...]. (CALVINO, 2000, p. 68; 70).

No início do período pós-guerra, o confidente é Eugenio Scalfari, a quem Calvino escreve, na carta de 6 de julho de 1945, sobre a experiência *partigiana*, sua orientação política e seus primeiros trabalhos:

¹⁸ No original: “A quel che ricordo che gli alleati dovevano mitragliare i caposaldi di Baiardo in due ondate; dopo la seconda incursione dovevamo andare all’assalto noi partigiani. Ma la seconda incursione aerea no ci fu: i partigiani attesero, mancò l’azione di sorpresa, furono respinti. [...] questo era il primo esperimento d’un’azione comune tra partigiani e alleati nella nostra zona, che gli alleati solo in quegli ultimi mesi di guerra si erano decisi ad aiurtaci, dopo averci lasciato morire per tanti mesi, senza mandarci neanche un paio di scarpe.”



[...] a minha vida, neste último ano, foi uma sucessão de peripécias: fui *partigiano* por todo este tempo, passei por uma inenarrável série de perigos e de dificuldades; conheci a prisão e a fuga, estive muitas vezes no limiar da morte. Mas estou contente por tudo aquilo que fiz, pelo capital de experiências que acumulei, aliás, gostaria de ter feito mais. [...]. Agora desenvolvo atividade jornalística e política. Sou comunista, convicto e totalmente dedicado à minha causa. [...]. Sanremo está bem danificada pelos contínuos bombardeios navais e aéreos. Fui ontem à sua casa, mas ninguém responde. [...] Por fora parece que está muito avariada, mas não destruída. Dê lembranças minhas aos seus pais e transmita as lembranças dos meus. Eles também passaram por muitas: ficaram presos durante um mês como reféns; meu pai esteve prestes a ser fuzilado diante dos olhos de minha mãe. (2001, p. 150, tradução nossa).¹⁹

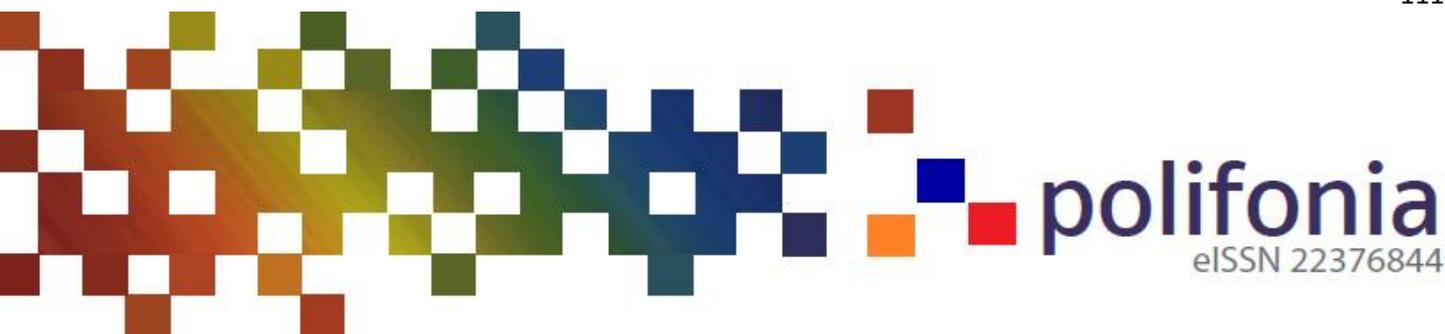
Na carta de 7 de fevereiro de 1947, destinada a Marcello Venturi, Calvino volta a falar de sua experiência como *partigiano*:

Onde poderemos ter uma experiência tão completa como a da Resistência? Mas uma experiência serve para despertar em nós e para valorizar outras experiências já preexistentes e que havíamos até esquecido. Alguém gira o mundo a pé e depois escreve melhor; não porque pode escrever sobre o giro pelo mundo a pé; pode escrever melhor também sobre o primeiro dia em que foi à escola. (CALVINO, 2001, p. 181, tradução nossa).²⁰

Compensado por sua atuação *partigiana*, no ano de 1945 Calvino tem o direito de transferência para o terceiro ano da Faculdade de Letras de Turim (que concluirá em 1947), e começa sua relação com a *Editora Einaudi*. Será através dela que ele publicará seu primeiro romance, *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947)/ *A trilha dos ninhos de aranha* (2004), talvez para passar a limpo a sua própria experiência como *partigiano*, ao lado do irmão Floriano, mas de um modo transfigurado, com a luta na Resistência vista sob o ponto de vista do menino Pin, um

¹⁹ No original: “[...] la mia vita in quest’ultimo anno è stata un susseguirsi di peripezie: sono stato partigiano per tutto questo tempo, sono passato attraverso un’inenarrabile serie di pericoli e di disagi; ho conosciuto la galera e la fuga, sono stato più volte sull’orlo della morte. Ma sono contento di tutto quello che ho fatto, del capitale di esperienze che ho accumulato, anzi avrei voluto fare di più. [...]. Ora svolgo attività giornalistica e politica. Sono comunista, convinto e tutto dedicato alla mia causa. [...]. Sanremo è ben conciata dai continui bombardamenti navali e aerei. Sono stato ieri a casa tua, ma nessuno risponde. [...] Dal di fuori sembra che sia molto sinistrata ma non distrutta. Salutami i tuoi genitori e abbiti i saluti dei miei. Ne hanno passato parecchie anche loro: furono arrestati per un mese ciascuno come ostaggi; mio padre fu lì lì per essere fucilato sotto gli occhi di mia madre.”

²⁰ No original: “Dove potremo avere un’esperienza tanto completa come quella della resistenza? Ma un’esperienza serve a svegliare in noi, a valorizzare, altre esperienze già preesistenti e che avevamo trascurato. Uno fa il giro del mondo a piedi e pois scrive meglio; non perché può scrivere del giro del mondo a piedi; può scrivere meglio anche del primo giorno che è andato a scuola.”



misto de inocência e delinquência. Em sua resenha do livro, intitulada *Il figlio dei botanici comincia a scrivere romanzi*, por ocasião do *Premio Nazionale Riccione* do qual Calvino é o vencedor, Emanuelli testifica:

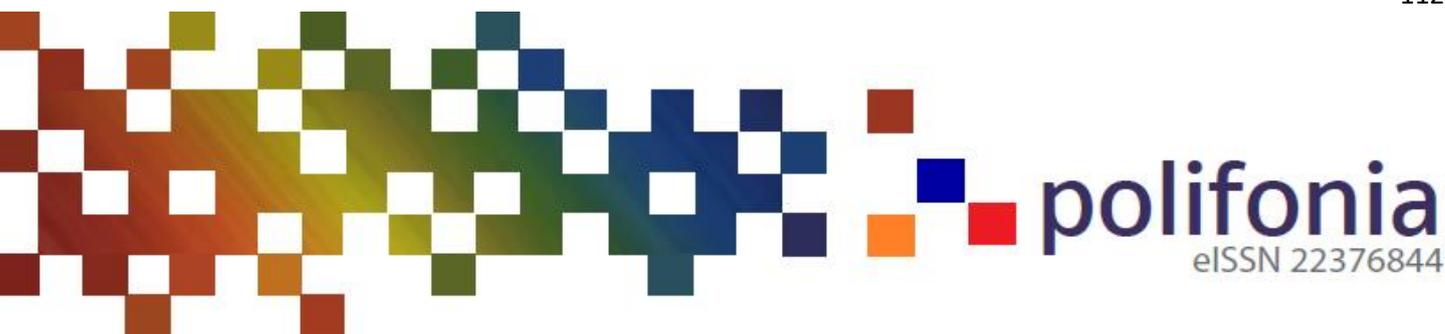
A prosa de Calvino é como o ponto de encontro de muitas experiências [...] há o prazer de uma razão política que infelizmente não será suficiente para salvar artisticamente aqueles que a exploram como um passaporte de moda. Tais experiências estão por trás de Calvino como de todos os outros; e, ao contrário de muitos outros, ele as entendeu e se serve delas de modo quase científico. (EMANUELLI, 2007, p. 322, tradução nossa).²¹

E os “aspectos expressivos” da luta *partigiana* ao lado do irmão Floriano se modificam na “transfiguração do passado” (BAKHTIN, 2003, p. 396) em Calvino ao longo dos anos. Quinze anos após o término da guerra, no ensaio “Autobiografia politica giovanile” (1960/1962), ele explicará a sua adesão ao comunismo:

A minha escolha do comunismo não foi completamente sustentada por motivações ideológicas. Sentia a necessidade de partir de uma “tábula rasa” e por isso me definira anárquico. Em relação à União Soviética, tinha todo o arsenal de desconfianças e objeções que se tinham normalmente, mas ressentia-me também do fato que meus pais sempre foram inalteravelmente filossoviéticos. Mas, sobretudo, sentia que, naquele momento, o que contava era a ação; e os comunistas eram a força mais ativa e organizada. Quando soube que o primeiro comandante *partigiano* da nossa região, o jovem médico Felice Cascione, comunista, tombara combatendo contra os alemães em Monte Alto, em fevereiro de 1944, pedi a um amigo comunista minha entrada no partido. (2001a, p. 2745, tradução nossa).²²

²¹ No original: “La prosa di Calvino è come il punto d’incontro di molte esperienze [...] c’è il piacere di una ragione politica che purtroppo non basterà a salvare artisticamente coloro che la sfruttano come un passaporto di moda. Tali esperienze sono alle spalle di Calvino come di tutti gli altri; e lui, a differenza di molti altri, le ha capite e se ne serve in modo quasi scientifico.” Para aprofundamento da compreensão sobre a *política* de prêmios literários e, sobretudo, o caso de Calvino com o seu primeiro livro, ver: *Il Premio Nazionale “Riccione” 1947 e Italo Calvino* (2007) de Andrea Dini (portfolio a cura di Antonella Bacchini).

²² No original: “La mia scelta del comunismo non fu affatto sostenuta da motivazioni ideologiche. Sentivo la necessità di partire da una ‘tabula rasa’ e perciò mi ero definito anarchico. Verso l’Unione Sovietica avevo tutto l’armamentario di diffidenze e obiezioni che si avevano di solito, ma risentivo pure del fatto che i miei genitori erano sempre stati inalterabilmente filossoviéticos. Ma soprattutto sentivo che in quel momento quello che contava era l’azione; e i comunisti erano la forza più attiva e organizzata. Quando seppi che il primo capo partigiano della nostra zona, il giovane medico Felice Cascione, comunista, era caduto combattendo contro i tedeschi a Monte Alto nel febbraio 1944, chiesi a un amico comunista di entrare nel partito.”



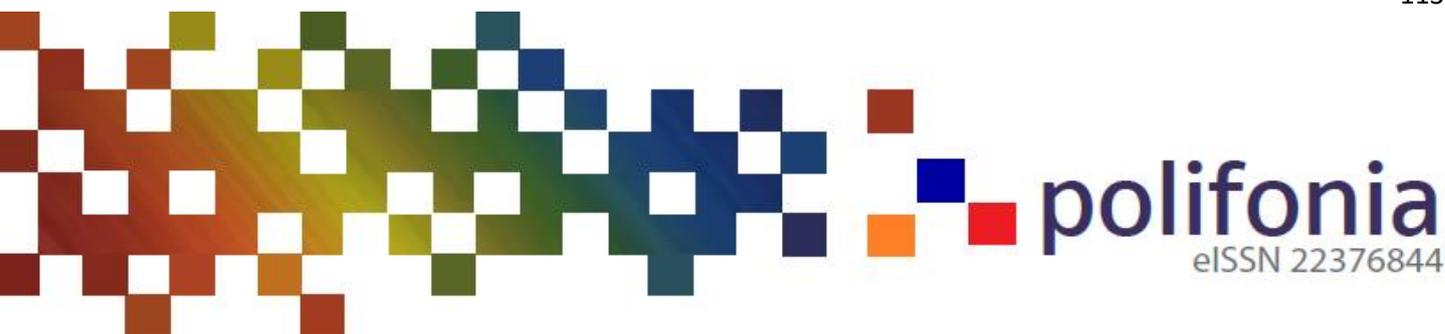
Entre 1945 e 1956, Calvino colabora com o jornal comunista *L'Unità* (fundado em 1924 por Antonio Gramsci), nas edições de Turim, bem como com toda a imprensa comunista oficial: *Contemporaneo*, *Politecnico*, *Aretusa*, *Rinascita*, *Società*. Como militante do PCI, escreve também para periódicos de sindicatos e de partido:

São anos em que a reflexão não pode senão estar toda concentrada sobre a nova sociedade civil e intelectual que se constrói na Itália ainda atormentada pelas lacerações produzidas pelo fascismo e pela guerra. [...]. É uma visão geral do mundo aquela que propõe aos seus leitores o Calvino dos anos Quarenta e Cinquenta: não há separação entre instâncias literárias e instâncias políticas. Um se integram às outras e das outras extraem alimento. À crise da razão burguesa contrapõe a força de um planejamento fundado sobre o marxismo e sobre a luta de classe, a uma literatura da irracionalidade e do subjetivismo ele opõe a busca das linhas de uma nova poética e a definição do papel do novo intelectual. (MONDELLO, 1990, p. 58-59, tradução nossa).²³

Para simbolizar os escritos de Calvino nos periódicos citados, escolho a carta de 12 de outubro de 1950, na qual ele relata ao pai a publicação, em *L'Unità*, do artigo “Delitti che pochi immaginano”, publicado no dia 8 do mesmo mês, sobre as atrocidades cometidas na greve agrícola dos trabalhadores da rizicultura na Província de Vercellese, no Piemonte. Calvino critica os jornais independentes, cujas informações, segundo ele, são sempre parciais, porque a realidade é completamente distorcida, mas afirma que seu artigo trará luz ao drama: “Porém, depois do meu artigo, também ‘La Stampa’ foi obrigada a admitir os fatos de Lignana. Espero que isso me salve de uma querela, porque ‘a autoridade’ não quer que essas coisas sejam conhecidas.” (CALVINO, 2001, p. 303, tradução nossa).²⁴

²³ No original: “Sono anni in cui la riflessione non può se non essere tutta concentrata sulla nuova società civile e intellettuale che si va costruendo nell’Italia ancora dilaniata dalle lacerazioni prodotte dal fascismo e dalla guerra. [...]. É una visione complessiva quella che propone ai suoi lettori il Calvino degli anni Quaranta e Cinquanta: non c’è separatezza tra istanze letterarie e istanze politiche. Le une si integrano con le altre e dalle altre traggono alimento. Alla crisi della ragione borghese contrappone la forza di una progettualità fondata sul marxismo e sulla lotta di classe, ad una letteratura della irrazionalità e del soggettivismo oppone la ricerca delle linee di una nuova poética e la definizione del ruolo del nuovo intellettuale.”

²⁴ No original: “Però in seguito al mio articolo anche ‘La Stampa’ è stata obbligata a ammettere i fatti di Lignana. Questo spero mi salvi di una querela, perché ‘l’autorità’ non vuole che queste cose si sappiano.”



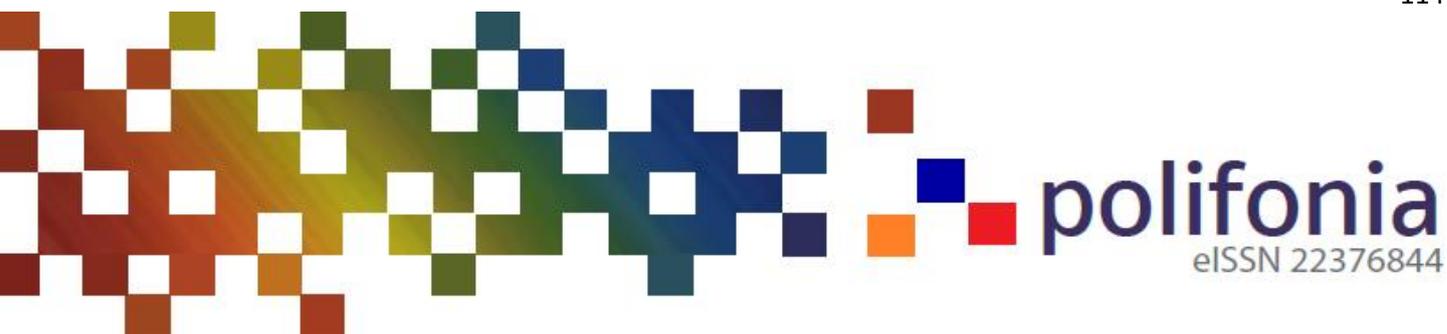
Em seu artigo, Calvino relata fatos de gravidade multiplicada em relação aos que consegui localizar em pesquisas disponíveis na Rede, especificamente sobre a greve de setembro/outubro de 1950 dos trabalhadores braçais, temporários e fixos (entre os quais mulheres e crianças) dos arrozais da *pianura padana* banhados pelas águas do Po, cujos canais ficavam tintos de sangue: “Ainda temos, diante dos olhos, os rostos de mulheres feridos pelas coronhas dos mosquetes, os hematomas nas costas de meninos selvagemmente espancados, ainda ouvimos soluços e gritos de execração.” (CALVINO, 2001a, p. 2147, tradução nossa).²⁵

Em seu artigo “Le lotte storiche delle mondine e dei braccianti vercellesi” (1982), Irmo Sassone, político pertencente ao PCI, cita várias matérias de *L’Unità*, mas não a de Calvino, o que leva a crer a possibilidade de certa “censura” ao texto como ele prevê nesta carta (em *Saggi*, o artigo será publicado sob o título “Sciopero in risaia”, bem distante da denúncia contida no título original). Sassone (2021) reporta o que diz o jornal sobre o sangue de outro trabalhador que banha os arrozais de Vercellese, no sexto dia de greve. Calvino, porém, escreve o seu artigo mediante testemunhos e narra nitidamente os delitos decorrentes da herança fascista, que se transmuta na política italiana e se manifesta em violência contra as mondadeiras e os trabalhadores nos arrozais das províncias de Vercellese e de Novarese (Piemonte), onde cidades inteiras vivem em estado de guerra, com perseguições policiais, violências físicas “inimagináveis” e denúncias dos fura-greves: “[...] quem faz o jogo dos patrões é um traidor dos seus companheiros e de si mesmo. [...] Os sistemas dos *Celere* e dos *Carabinieri* – ambos iguais em ferocidade além de qualquer lei – são de uma brutalidade de tipo, eu diria, quase ‘científico’ com a qual nem mesmo os fascistas sonharam.” (CALVINO, 2001a, p. 2147-2148, tradução nossa).²⁶

²⁵ No original: “Abbiamo ancora negli occhi il viso di donne pestato dai calci dei moschetti, i lividi sulle schiene di ragazzi selvaggiamente percossi, abbiamo nelle orecchie singhiozzi e grida di esecrazione.”

²⁶ No original: “[...] chi fa il gioco dei padroni è un traditore dei compagni e di se stesso. [...] I sistemi della *Celere* e dei carabinieri – pari entrambi in ferocia al di fuori di ogni legge – sono di una brutalità di tipo direi quasi ‘scientifico’ che i fascisti non si sognavano nemmeno.”

Obs.: *Celere*: departamento de polícia motorizada e treinada para emergências instituída após a Segunda Guerra Mundial. *Carabinieri*: Força armada no âmbito do Ministério da Defesa. (TRECCANI, 2021).



Aqui julgo oportuno reafirmar o senso de moral, que se estende por toda a obra de Calvino, ou seja, o seu senso de “responsabilidade ética” como escritor, a qual atende a uma “lógica intersubjetiva” diante da degradação incessante do contexto externo e da sua impossível detenção segundo princípios de ordem mais geral (ASOR ROSA, 2001, p. 150-151). Na defesa que ele faz do trabalhador rural (como fará também dos trabalhadores das fábricas), Calvino sustenta que, para além das reivindicações econômicas, muitas lutas pela dignidade do povo italiano combatem o *modus operandi* das autoridades políticas do país e tiveram como palco aqueles arrozais: “Uma nova batalha pela dignidade humana, contra o tradicional inimigo dos italianos: a política policíesca e de violência de governos fracos e impotentes.” (CALVINO, 2001a, p. 2150, tradução nossa).²⁷

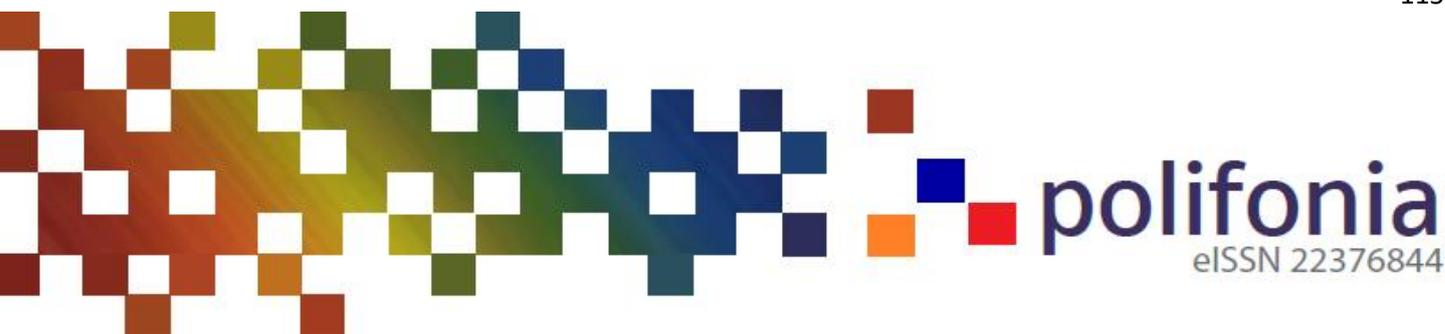
Observo que essa reflexão ecoa na carta de 3 de fevereiro de 1959 destinada a Elio Vittorini, a respeito do ensaio *Guerra e letteratura di guerra* (1959) de Giuseppe Cintioli. Calvino indica a necessidade de um discurso sobre “a passagem entre a épica da guerra (que é por tradição um fato não desejado, *natural*) e a épica da revolução que, por definição, deveria ser o reino da vontade, da intervenção ativa do homem. (CALVINO, 1991, p. 295)”.²⁸ Não por acaso, ele exalta os trabalhadores desarmados e combativos que fazem a sua revolução através das greves.

A greve dos trabalhadores nos arrozais era apenas um dos muitos problemas da Itália nos anos Cinquenta, enquanto dominada pelos governos centristas da *Democrazia Cristiana* (DC), que haviam derrotado as esquerdas nas eleições parlamentares de 1948 e se tornaram um ponto de referência para o eleitorado anticomunista; a classe operária, também oriunda do *Mezzogiorno*, impelida pela pobreza e pelo desemprego, é sacrificada no desordenado desenvolvimento industrial do norte, enquanto o panorama internacional revela a Guerra Fria.

No intervalo da filiação de Calvino ao Partido Comunista Italiano (PCI), seus dirigentes passam a vincular a fidelidade aos preceitos marxistas à obrigatoriedade de submeter à linha

²⁷ No original: “Una nuova battaglia per la dignità umana, contro il tradizionale nemico degli italiani: la politica di violenza e di sbirraglia dei governi deboli e impotenti.”

²⁸ No original: “il passaggio tra l'epica della guerra (che è per tradizione fatto non voluto, naturale) ed epica della rivoluzione, che per definizione dovrebbe essere il regno della volontà, dell'intervento attivo dell'uomo.”



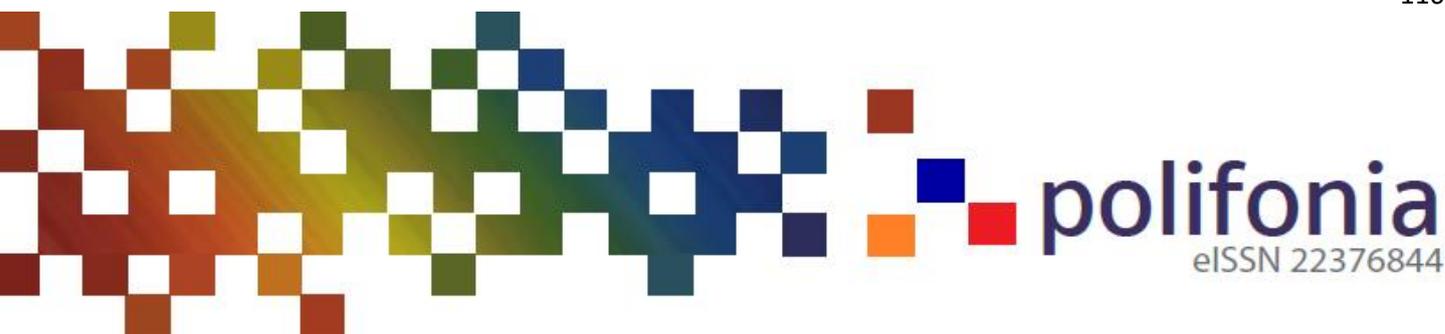
política do partido tanto o pensamento quanto a produção artístico-literária de seus membros. Inicia-se, então, a luta dos intelectuais, inclusive os da *Einaudi*, entre os quais Calvino (não obstante os elos da editora com o partido), pois se recusam a abrir mão do direito de ter suas próprias posições no campo político e cultural. Diante do alinhamento da direção do PCI com a resposta militar soviética à insurreição na Hungria, a resposta dos intelectuais não foi cônica e o episódio fez com que se multiplicassem as vozes contrárias, as quais se reuniram em uma carta-documento conhecida como *Il manifesto dei 101*, subscrito em poucas horas na sede da *Einaudi* e da revista *Società* (dirigida por Carlo Muscetta) por numerosos intelectuais. (FRANCESE, 2000, p. 65-67).

Porém, é no plano político, com a denúncia de Kruschew, durante o XX Congresso do Partido Comunista Soviético (PCUS), entre 14 e 26 de fevereiro de 1956, sobre os crimes stalinistas, no caso da Hungria, e as greves dos operários reprimidos na Polônia, que ocorre o profundo golpe na esquerda ocidental, com uma amarga desilusão e muitas demissões do PCI.

Por desejar a participação criativa dos intelectuais na vida partidária e, também, por sentir o seu desejo de justiça e liberdade obliterado pelos canais do PCI, embora grato ao significado do comunismo partidário em sua vida pessoal e de literato, Calvino expõe, então, os motivos de sua “decisão ponderada” de deixar o Partido, na carta enviada às suas várias secretarias, em Turim, e à direção do jornal *L'unità*, em 1º de agosto de 1957:

[...] tive a possibilidade de conhecer a vida do Partido em todos os níveis, da base ao vértice, embora com uma participação descontínua e, às vezes, com reservas e polêmicas, mas sempre tirando preciosas experiências morais e humanas; vivi sempre (e não só a partir do XX Congresso) a pena de quem sofre os erros do próprio campo, mas tendo constantemente confiança na história. [...] a pobreza da literatura oficial do comunismo me serviu de impulso para buscar dar ao meu trabalho de escritor a marca da felicidade criativa; creio ter sempre conseguido ser, dentro do Partido, um homem livre. Que este meu comportamento não sofrerá mudanças fora do Partido pode ser garantido pelos companheiros que melhor me conhecem, e sabem quanto eu estimo ser fiel a mim mesmo, e desprovido de animosidade e de rancores. (CALVINO, 2001, p. 504, tradução nossa).²⁹

²⁹ No original: “[...] ho avuto modo di conoscere la vita del Partito a tutti i livelli, dalla base al vertice, sia pure con una partecipazione discontinua e talora con riserve e polemiche, ma sempre traendone preziose esperienze morali e umane; ho vissuto sempre (e non solo dal XX Congresso) la pena di chi soffre gli errori del proprio campo, ma avendo costantemente fiducia nella storia; [...] la povertà della letteratura ufficiale del comunismo m'è stata di



Seguindo o fio de coerência do caráter de Calvino, observo que onze anos antes da carta de demissão, em 29 de julho de 1946, ele já adiantara, a Silvio Micheli, sua visão de liberdade, quando escreve:

Bem, para ser marxista, creio que importa, até certo ponto, ter lido pouco ou muito. O que importa é a atitude, a mentalidade, saber resolver os problemas marxisticamente. E isso é fruto de uma sensibilidade que se pode adquirir de várias maneiras: mesmo na organização conspiratória ou de partido, mesmo lendo livros completamente diferentes e interpretando-os por si. (CALVINO, 2001, p. 163, tradução nossa).³⁰

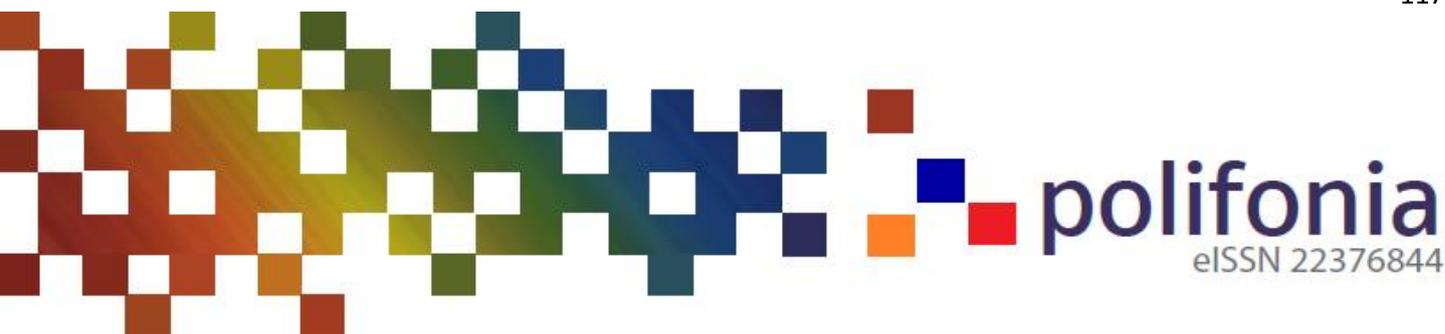
Na carta de 5 de outubro de 1965, destinada a Gian Carlo Ferretti, em resposta às suas propostas de política cultural constantes no artigo “Confessioni, esigenze e proposte di un critico marxista” (1965), Calvino fala de sua saudade de ser um participante de um trabalho em comum e, ao mesmo tempo, de rancor por aquela participação se sobrepor à necessidade de autodisciplina e autossuficiência no trabalho individual, mas confessa em relação a todos esses sentimentos: “[um estado de ânimo] de egoística satisfação ao constatar que agora *estou melhor*, de insatisfação pela incerteza, não da ‘política cultural’, mas da *política tout-court*, e quanto mais pareço entendê-la menos me sinto capaz de fazer julgamentos.” (CALVINO, 1991, p. 533, tradução nossa).³¹

Na carta de 26 de julho de 1976, destinada a Bob Silvers (*New York Review of Books*), que lhe solicitara um artigo político, Calvino afirma sobre o PCI:

sprone a cercar di dare al mio lavoro di scrittore il segno della felicità creativa; credo d’esser sempre riuscito ad essere, dentro il Partito, un uomo libero. Che questo mio atteggiamento non subirà mutamenti fuori dal Partito, può essere garantito dai compagni che meglio mi conoscono, e sanno quanto io tenga a esser fedele a me stesso, e privo d’animosità e di rancori.” A carta é destinada também a: Segreteria della Cellula “G. Pintor” e della 2ª sezione “A. Gramsci”; Segreteria della Federazione Torinese; Segreteria del Partito Comunista Italiano.

³⁰ No original: “Bene, per essere marxista credo che importi fino a un certo punto aver letto poco o tanto. Quel che importa è l’atteggiamento, la mentalità, il saper impostare i problemi marxisticamente. E questo è frutto d’una sensibilità che si può acquistare in tanti modi: anche nell’organizzazione conspirativa o di partito, anche leggendo tutt’altri libri e interpretandoli da sé.”

³¹ No original: “un stato d’animo] di egoistica soddisfazione a constatare che ora sto meglio, d’insoddisfazione per l’incertezza non della ‘política culturale’ ma della *política tout-court*, in cui più mi sembra di capire meno mi sento in grado di dare giudizi.”

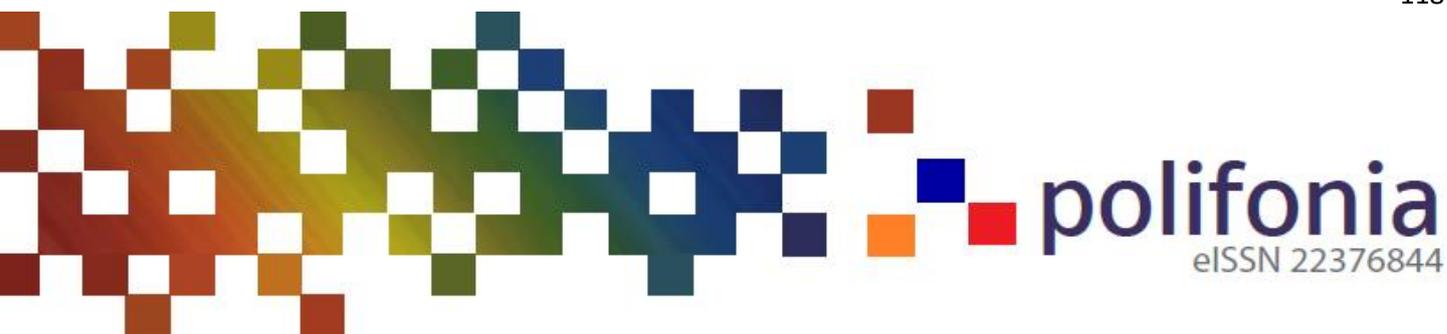


Eu penso que o PCI é ainda bastante centralista, mas – esta é uma visão muito pessoal – o que me interessa é que, na geral desintegração italiana, ele continue sendo uma organização muito disciplinada e eficiente, vitalmente interessada na defesa e no desenvolvimento da democracia. (As razões que me fizeram aproximar dos comunistas, durante a Resistência, foram as mesmas; agora eu estou feliz por estar longe deles, mas também por eles estarem lá). O problema não é salvar as almas dos comunistas italianos, mas salvar a democracia italiana. (CALVINO, 2001, p. 1319, tradução nossa).³²

De sua demissão em diante, não obstante o chamamento ideológico, sempre vivo, para o futuro democrático do socialismo internacional, a política passará a ser um tema secundário para Calvino, o que não o impede, livre de dogmatismos, de continuar ideologicamente seu discurso literário: com Elio Vittorini, funda a revista de esquerda *Il Menabò* (1959-1967), caracterizada por uma sequência de importantes debates sobre o papel dos intelectuais frente à crise das ideologias e sobre o problema específico da profissão de escritor (MOYSÉS, 2010, p. 61-62). Nos seis anos seguintes à demissão do PCI, Calvino publica os livros que compõem sua trilogia pelo filão realístico: *La speculazione edilizia* (1957)/ *A especulação imobiliária* (2011), “La nuvola di smog” (1958)/ “A nuvem de smog” (1992) e *La giornata d’uno scrutatore* (1963)/ *O dia de um escrutinador* (2002), respectivamente testemunham a mudança de sua *riviera* ligure com a especulação imobiliária, a agressão ao meio ambiente causada pela poluição das chaminés das fábricas e o seu desassossego com a corrupção política da *Democrazia Cristiana* (DC) em um dia como escrutinador nas eleições no *Cottolengo*.³³

³² No original: “I think that the PCI is still pretty centralist but – this is my very personal point – what I care for is that in the Italian general disintegration it will stay a very disciplined and efficient organization vitally interested in the defense and the development of democracy. (The reasons that made me come near to the Communists during the Resistance were the same; now I'm glad to be far from them but also that they are there.) The problem is not to save the souls of the Italian Communists but to save Italian democracy.”

³³ Sobre este último, o esforço de escrita está no texto de apresentação: Calvino precisou de um intervalo de dez anos, isto é, entre 7 de junho de 1953, quando esteve no *Cottolengo* como candidato para engrossar a lista do Partido Comunista, e novembro de 1961, quando participou das eleições administrativas entre os escrutinadores que coletavam os votos nas enfermarias, episódio do qual guardou “imagens infernais”. (CALVINO, 2002, p. 87-88). E essa experiência autobiográfica transmutada em ficção é documentada na carta de 10 de novembro de 1960, destinada a Vittorio Bodini: “Vejo que escrevi uma carta desanimada e toda negativa. Mas nestes dias de eleição fui escrutinador no *Cottolengo*.” (CALVINO, 1991, p. 346, tradução nossa). No original: “Vedo che ho scritto una lettera moscia e tutta negativa. Ma in questi giorni di elezioni sono stato scrutatore al Cottolengo”.



Abro parênteses para lembrar que, para a 75ª edição da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), ocorrida em setembro de 2020, foi emitido o documento “Perspectivas da Biodiversidade para 2020”, em que a entidade alerta para o fato de que é necessário enfrentar a “perda sem precedentes” da biodiversidade global:

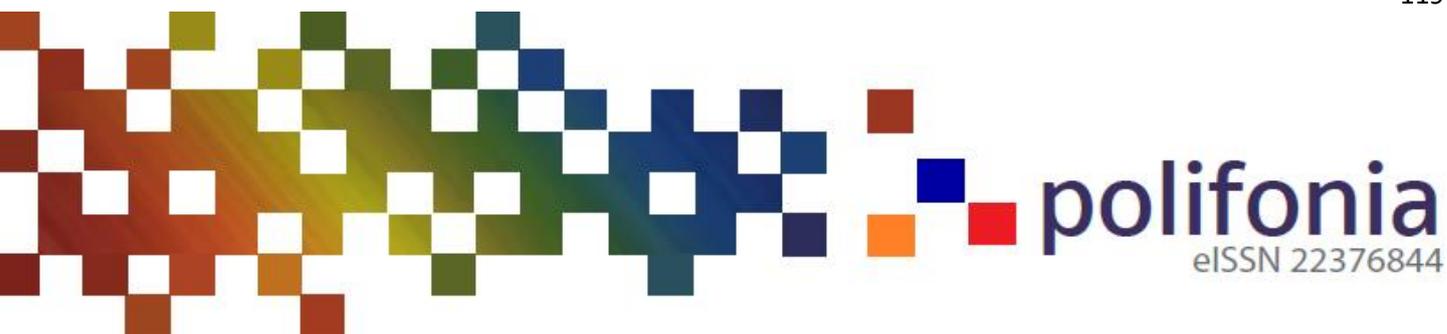
Mais de um milhão de espécies estão em risco de extinção, dois bilhões de hectares de terra estão atualmente degradados e 66% dos oceanos, 50% dos recifes de coral e 85% dos pântanos foram significativamente e negativamente alterados pela atividade humana (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021).

No epistolário, Calvino testifica quão presente era para ele esse tipo de alerta, tanto que, na carta de 20 de junho de 1974, agradece a Gore Vidal por, no ensaio *Fabulous Calvino* (*The New York Review of Books*, de 30 de maio de 1974), ter visto na sua obra realística, sobretudo em “La nuvola di smog” (1958) a preocupação com a destruição do meio ambiente: “O senhor observa que, já em 1958, eu me preocupava com a destruição do meio ambiente e esse reconhecimento me deixa feliz, porque vem do senhor que sempre esteve na linha de frente na defesa da ecologia”. (CALVINO, 2001, p. 1242, tradução nossa).³⁴ Como retribuição, ele lhe encaminha um exemplar de *La speculazione edilizia* (1957) que, como ele próprio define, na carta de 16 de maio de 1961 ao tradutor Lev A. Veršinin, é o seu melhor resultado sob o ponto de vista realístico, porque retrata significativamente a Itália atual. (CALVINO, 2001, p. 694).

“Como sua leitora, percebo que Calvino soube cultivar, não sem grande sofrimento e ao longo de sua vida, uma silenciosa preparação interior para defender atos de liberdade, dos quais são mais representativas suas experiências *partigiana* e comunista. Passados os momentos de vivência real, com o fim da guerra para a primeira e a desilusão com a política totalizadora para a segunda, o seu *campo de luta transmutou-se em literatura*, porque para ele uma vida sem exigências à mente e ao corpo, sem constante esforço intelectual, é miseravelmente corresponsável pela destruição da cultura.” (MOYSÉS, 2010, p. 328-329).³⁵

³⁴ No original: “Lei nota che già nel 1958 mi preoccupavo della distruzione dell’environment, e questo riconoscimento mi fa felice perché viene da Lei che è sempre stato in prima linea nella difesa dell’ecologia.

³⁵ Além da publicação de seus livros e do intenso trabalho de consultoria editorial, no período de dezembro de 1979 a 10 de julho de 1985 (apenas dois meses antes da morte), Calvino escreve mais de 130 artigos para o jornal



Em 1985, entre os muitos depoimentos por ocasião da morte de Calvino, encontra-se o do escritor Harry Mathews (também membro do *OULIPO – Ouvroir de Littérature Potentielle*, que Calvino frequentou em Paris), que retrata a visitação de sua câmara-ardente por um grupo de estudantes:

Por que expô-los – pensei – a uma visão como aquela? Todavia, na saída, muitos deles choravam lágrimas de inequívoca dor, e me foi dito que se tratava de leitores de *Marcovaldo*: choravam o criador de um livro que amavam. Neles finalmente reconheci os contornos dos meus sentimentos indesejados. (MATHEWS, 2008, p. 187, tradução nossa).³⁶

As crianças até hoje criam histórias de Marcovaldo, o anti-herói urbano e simplório que sonha com a vida rural, enquanto passa por aventuras melancólicas na cidade grande, as quais envolvem questões muito atuais da civilização, como a poluição luminosa e atmosférica, a antiética em relação aos animais (inclusive os de laboratório), o desmatamento, a industrialização irresponsável, a especulação imobiliária, a fome, o consumismo, a desvalorização do operário. Marcovaldo não tem suas ações julgadas, pois a leitura lhes permite exercerem o seu direito de chegar às suas próprias conclusões morais (CALVINO, 1994). Afinal, como raciocina Palomar, “o universo é o espelho em que podemos contemplar só o que tivermos aprendido a conhecer em nós.” (CALVINO, 1994a, p. 107).

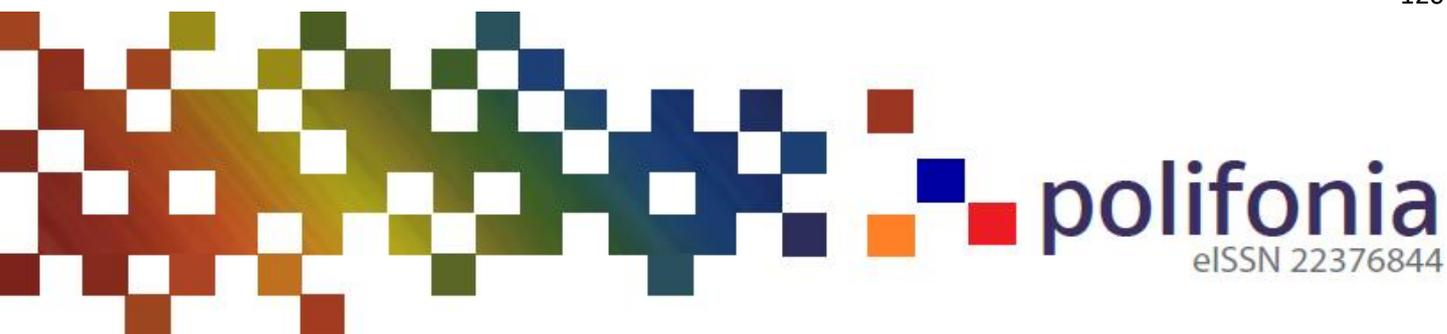
A natureza moral do percurso intelectual e humano de Calvino é, de certa forma, firmada por ele, aos dezenove anos, na carta de 7 de março de 1942 destinada a Eugenio Scalfari: “italocalvino [sic] morrerá e não servirá mais para nada: aquele algo mais permanecerá e dará boa semente” (CALVINO, 2001, p. 49, tradução nossa).³⁷

Agora sei que “aquele algo mais” em Calvino não morreu, pois permanece na sua obra através dos tempos, agora sei que a sua matéria corpórea repousa sob uma lápide simples,

La Repubblica (MONDELLO, 1990, p. 128), como resultado do convite de seu fundador (e amigo de liceu) Eugenio Scalfari.

³⁶ No original: “Perché esporli – pensai – a una vista come quella? Tuttavia, nell’uscire, molti di loro piangevano lacrime di inequivocabile dolore, e mi venne detto che si trattava di lettori di *Marcovaldo*: stavano piangendo il creatore di un libro che amavano. In loro finalmente riconobbi i lineamenti dei miei sentimenti indesiderati.” (2008, p. 187)

³⁷ No original: “italocalvino morirà e non servirà più a niente: il qualcosa rimarrà e darà buon seme.”



circundada por uma sebe perfumada de alecrim, no pequeno cemitério colinoso de Castiglione della Pescaia (de onde se avista o Mar Tirreno), por isso eu dedico este artigo à memória de Italo Calvino, o escritor que exerceu com integridade sua ação política *em ato*, como também o seu papel na literatura, como testemunham suas cartas. Pois, como escreveu Bakhtin (2003, p. 410), “não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo.”

Referências

ASOR ROSA, A. *Stile Calvino*. Torino: Einaudi, 2001.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. ASSEMBLEIA GERAL DA ONU: Corredores calmos, mas uma programação virtual intensa. Nações Unidas Brasil. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/89922-assembleia-geral-da-onu-corredores-calmos-mas-uma-programacao-virtual-intensa>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARANELLI, L.; FERRERO, E. *Album Calvino*. Milano: Mondadori, 2003.

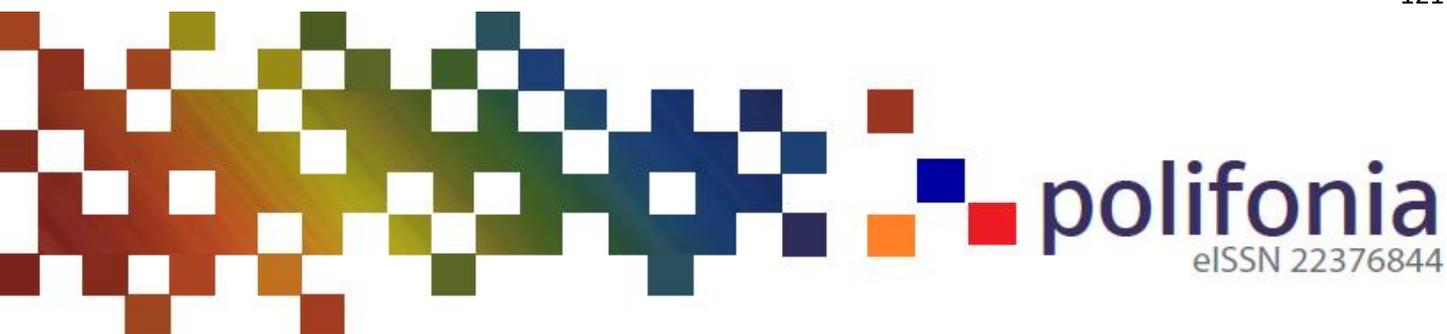
BIAGI, E. *La storia dei popoli a fumetti*. Milano: Mondadori, 2001.

BRASIL ESCOLA. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/fascismo.htm>>. Acesso em 19 abr. 2021.

CALVINO, I. *I libri degli altri: Lettere 1945-1981*. A cura di Giovanni Tesio. Nota di Carlo Fruttero. Nota al testo di Giovanni Tesio. Torino: Einaudi, 1991.

CALVINO, I. Lembrança de uma batalha. In: CALVINO, I. *O caminho de San Giovanni*. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das letras, 2000, p. 65-75.

CALVINO, I. *Lettere 1940-1985*. A cura di Luca Baranelli. Introduzione di Claudio Milanini. Cronologia a cura di Mario Barenghi e Bruno Falchetto. Avvertenza di Luca Baranelli. 2. ed. Milano: Mondadori, 2001.



CALVINO, I. Sciopero in risaia. In: CALVINO, I. *Saggi (1945-1985)*. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. V. II. Milano: Mondadori, 2001a, p. 2147-2150.

CALVINO, I. Autobiografia politica giovanile. In: CALVINO, I. *Saggi (1945-1985)*. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. V. II. Milano: Mondadori, 2001a, p. 2733-2759.

CALVINO, I. *O castelo dos destinos cruzados*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CALVINO, I. *Marcovaldo ou As estações na cidade*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, I. *Palomar*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994a.

CALVINO, I. *O dia de um escrutinador*. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

EMANUELLI, E. Il figlio dei botanici comincia a scrivere romanzi. In: DINI, Andrea. *Il premio Nazionale "Riccione" 1947 e Italo Calvino*. Portfolio a cura di Antonella Vacchini. Cesena: Società Editrice "Il Ponte Vecchio", 2007. p. 321-323.

FRANCESE, Joseph. *Cultura e politica negli anni cinquanta: Salinari, Pasolini, Calvino*. Roma: Lithos, 2000.

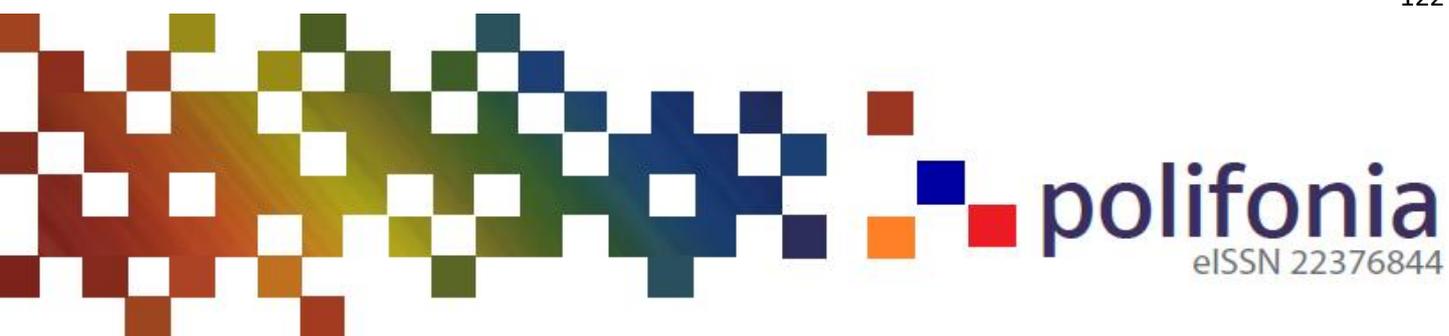
LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 327-348.

MATHEWS, H. La camera ardente. In: ARAGONA, Raffaele (a cura di). *Italo Calvino: percorsi potenziali*. San Cesario di Lecce: Piero Manni, 2008, p. 185-191.

MONDELLO, E. *Italo Calvino*. Pordenone: Edizioni Studio Tesi, 1990.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. *Saber narrativo: Proposta para uma leitura de Italo Calvino*. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2007.

MOYSÉS, T. M. *Lettere e i libri degli altri: lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino*. 368 f. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2010.



SASSONE, I. *Le lotte storiche delle mondine e dei braccianti vercellesi*. In: l'Impegno, anno II, n. 4, dicembre 1982. Istituto per la storia della Resistenza e della società contemporanea nelle province di Biella e Vercelli. Disponível em: <<http://www.storia900bivc.it/pagine/editoria/sassone482.html>>. Acesso em 22 abr. 2021.

TRECCANI. L'Enciclopedia italiana. Disponível em: <<http://www.treccani.it/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.